



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. Tel. T. Lisboa—Lisboa • Telefones: 2  
Officinas de impressão: Rua da Alfama, 124

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS

As consequências da criminosa acção do capitalismo acentuam-se cada vez mais. Foi o seu nefasto predomínio, organizando a selvagem guerra para a sua defesa, que conduziu os povos a mais perversa e desastrosa das guerras, e é ainda ele que, pela sua característica dominante, uma avidez sordida e sem limites, mantém o mundo numa situação dolorosa, prestes a cair no caos mais horrendo, de que os homens só poderão talvez sair depois duma luta estúpida, bárbara e sangrenta.

A burguesia, que durante a guerra deu satisfação aos seus baixos instintos, enviando para a morte nas trincheiras a parte mais vigorosa das populações e exercendo sobre estas a exploração mais ignóbil e tirânica, não se resigna a uma situação de paz. A febre do lucro e do mando arrastam-na até à loucura. Recusa perder o seu domínio sobre os homens e as coisas, e assim como organizou o barbarismo militar para defender-se, e que teve por consequência uma horrível mortandade e um pavoroso desequilíbrio económico e social, ela procura estabelecer o regime da fome, crendo que assim, se não evita, pelo menos adia para muito mais tarde a sua queda irremediável.

Mas os povos é que não devem deixar prolongar uma tal situação, sob pena de correrem voluntariamente para o sacrifício fatal que a burguesia egoísta e rancorosamente lhes prepara porque ela, na perversão do seu desmedido orgulho, não pode conceber, não pode admitir, que as vítimas do seu reinado de lama e de sangue ergam a cabeça e façam saber que a espada, que personifica o regime burguês de guerra de exploração, vai ficar reduzida a stilha sob o martelo do trabalho, que simboliza a paz e a felicidade humana.

Muito se tem dito e escrito sobre as dificuldades económicas e sobre a angustiada situação do povo na Rússia, atribuindo-se tudo o que de mau ali existe ao novo regime que aquele povo pretende estabelecer, quando somente pelo repugnante bloqueio e pela guerra resultada dos aliados, isso tudo deve ser motivado.

Faz-se-lhe uma guerra feroz e torpe para desorientar os povos, porque se teme que o exemplo frutífero, dado o estado de sobre-excitação das populações vítimas da tirania e da fome. Em Portugal e nas outras nações não impera, felizmente para os parasitas de todas as espécies, um regime idêntico ao soviético russo, e contudo a situação económica não é mais risonha, antes ela se mostra cada vez mais acastanhada e feia.

Os horrores por que passa a Rússia, e sobretudo a Hungria e a Áustria, devido à atitude infame dos políticos e dos capitalistas, vão estender-se por todo o mundo, se os povos não se erguerem num supremo esforço para lhes arrancarem das mãos sangüinárias a direcção da sociedade.

O nosso país é um dos que está condenado a passar pelas maiores angústias, pois está dependente das outras nações.

Todavia, ninguém se preocupa com a situação, já hoje cheia de dificuldades, mas que amanhã se tornará pavorosa. Ninguém se prende a procurar-lhe uma solução satisfatória, para evitar o abismo para que se caminha rápida e cegamente.

A guerra desenvolveu nos indivíduos e nas classes um egoísmo feroz, ao mesmo tempo que um espírito místico, e quando se fala da miserável vida que levam alguns povos, por motivo da guerra e da acção do capitalismo, quasi sempre se obtém por resposta ou um despreocupado encolher de ombros, que quer dizer «eles que se governem» ou então um confiado «nos estamos livres disso», porque se espera que a secular aliada e os seus amigos não nos deixarão de prestar o seu auxílio, que é verdadeiramente uma escusa, tal é a insistência com que é solicitado o seu socorro.

Mas as condições de vida agravam-se por toda a parte: a avareza espoliadora do capitalismo por toda a parte estende os seus tentáculos; em todos os países surgem os mesmos motivos de desordem e desespero; dentro do regime burguês não há possibilidade de estabelecer a ordem económica e social, e os povos hesitam ante o caminho da transformação redentora; não obstante o avanço da catástrofe que ameaça esmagar tudo e todos.

E' que se confia ainda, espera-se que

qualquer acontecimento inesperado venha salvar-nos milagrosamente da desgraçada situação a que os poderosos arrastaram o mundo.

O povo português está ameaçado como nenhum outro, e contudo só quando se vir perdido é que repara no seu erro e no seu desleixo, tendo de resolver as dificuldades por uma forma imperfeita e desordenada.

Hoje quasi que faltam por completo os alimentos de primeira necessidade; dentro de pouco tempo faltará um dos principais elementos da industria: o carvão.

Contavam ontem os jornais que a Companhia Carris de Ferro se veria forçada a suspender em breve uma parte das suas carreiras e a despedir dois terços do seu pessoal, pois não conseguira, apesar da intervenção dum ministro, que em Inglaterra lhe fornecessem carvão! Há poucos dias também se falou na possível suspensão dos comboios da Companhia Portuguesa, igualmente por falta de carvão.

Isto é gravíssimo. A situação que espera o proletariado é das mais apavorantes, e contudo ninguém parece dar por isso. Só quando a crise de trabalho se generalizar, juntando-se à crise de subsistências, então é que irromperá uma tempestade de protestos de fome e de inconsciência, cujas consequências não serão fáceis de prever.

Então é que hão de ser vistos os funestos efeitos do regime capitalista da sociedade actual, que tendo conduzido os povos a uma hecatombe monstruosa, acabará por conduzi-los a uma catástrofe não menos dolorosa e sangrenta.

E esta negra perspectiva é-nos sugerida pela atitude egoísta e agressiva da classe capitalista e pelas hesitações do proletariado, que não se prepara para opôr-lhe uma acção enérgica e eficaz. Está escrito e temos que aceitar que a violência mais feroz tem de derrubar o que só pela ferocidade e pela violência se tem mantido. Será o triste e sangrento resultado da mentira e da opressão em que os homens tem vivido. Serão as funestas consequências do predomínio burguês.

### A guerra vermelha

Kieff ocupada?

VARSOVIA, 11.—Uma comunicação do dia 9 do corrente diz que depois do esmagamento do 12.º exército inimigo a cavalaria polaca ocupou Kieff, no dia 7, à noite. No dia 8 as tropas polacas entraram na cidade, sendo aclamadas pela população. Os bolchevistas retiraram-se para além do Dnieper, fazendo saltar as pontes. Na Polónia ocupamos Rzeckia e estamos senhores do Dnieper até ao rio Krasna. O exército polaco ocupou também Bracław e o exército ucraniano Tultchin.

Transportando instrutores para a Rússia?  
VARSOVIA, 12.—Na noite de 3 para 4 do corrente avistaram-se 3 zeplins alemães voando na direcção Este. A imprensa polaca julga que estes zeplins iam para a Rússia transportando instrutores para o exército soviético. —Rádio.

### PROTESTOS PLATÓNICOS

#### A viação eléctrica

Uma comissão composta dos srs. Ricardo Covões, António Ferreira de Serpa, Rogério Soares Moita, Joaquim Rodrigues Lanjeira, Ferreira Chaves e António Borges de Almeida, nomeada na última reunião promovida para protestar contra o aumento do preço das passagens nos eléctricos, entregou ontem, pouco depois das 18 horas, ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, sr. Agostinho Estrela, uma representação em que se chama a atenção dos vereadores para o aumento do preço da Companhia de Electricidade de Lisboa, com a cumplicidade da Câmara Municipal. Os autores da representação exortam os vereadores a defenderem os interesses do povo e da própria municipalidade, combatendo as perdas pretensas da Companhia.

O presidente da Câmara prometeu apresentar a representação, em sessão plenária, onde aquele documento será tomado na consideração devida e o assunto será largamente tratado e tendo-se em atenção os interesses da cidade e do município.

Os comissionados declararam dar todo o seu apoio à Câmara para que ela defendesse os seus interesses e os dos municípios.

Estão servidos se se limitarem à representação e a ficarem esperando, confiadamente, quanto mais não seja, na energia de certa gente.

Se não agirem a opinião pública contra os maneios da Companhia, criando uma atmosfera que ponha um travão às influências de que ela dispõe, porque tem muito dinheiro e há muita falta de carácter e de escrúpulos nesta terra, nada conseguirá os que protesta-

## UM CRIME MONSTRUOSO 1.000.000 PESSOAS ENVENENADAS com o pão de tipo único

Já várias vezes *A Batalha* tem levantado o seu grito de protesto contra a mixórdia aí em venda sob o nome de pão, desde que entramos no regime do tipo único. Temos dito e repetido que semelhante porcaria não pode de forma alguma servir à alimentação, e que a saúde do público gravemente perigosa com o consumo desse produto falsificado e repugnante. Pois bem: o caso foi anteontem tratado no parlamento. São curiosíssimas as declarações lá produzidas e não podemos fazer menos do que transcrever parte delas, para elucidar os leitores. O acusador foi o dr. Hermano de Medeiros. Não conhecemos este senhor e ignoramos mesmo se foi o seu ataque ditado por amor à saúde e aos interesses do povo, se por quaisquer conveniências políticas ocultas. Mas de qualquer modo satisfaz observar o desassombro com que o governante se pediu explicações sobre este crime monstruoso de que está sendo vítima a população da capital.

«A população de Lisboa está sendo envenenada»

Não estando presente o ministro da agricultura, o sr. Hermano de Medeiros dirigiu-se ao presidente do ministério, e diz-lhe, segundo um extrato dum jornal de ontem:

«O assunto interessa altamente à saúde pública. Trata-se da magna questão do pão. A população de Lisboa está sendo envenenada e é preciso saber-se por quem e como. Tendo saído de Lisboa e passado nas Caldas da Rainha, fiquei surpreendido com o facto de, nesta vila, se vender pão de trigo, branco e saboroso, cuja amostra apresentei à câmara. O orador mostra efectivamente um pedaço de pão muito alvo. Em Lisboa, porém, come-se um pão detestável. Come-se o pão que o diabo amassou! E na sua qualidade de médico pode afirmar que produz enterites e embaraços gástricos, como tem observado inúmeros casos na sua clínica. O pão que se vende na capital cheira mal e é ultra-ácido. Mas a heróica população de Lisboa traga-o, como de resto, traga o governo. A criação de um único tipo de pão foi uma bota. Se o sr. presidente do ministério ou o sr. ministro da agricultura não são os envenenadores, são cúmplices no envenenamento do povo.»

A estas tremendas acusações respondeu o presidente do ministério com as lareiras habituais. «O governo tem procurado, tem cuidado, tem adoptado medidas...» A mentira eterna. O governo é realmente cúmplice no envenenamento de mais de um milhão de pessoas, forçadas a consumir o pão único. Cumplice pela impudência em que tem deixado os envenenadores do povo, deixando a sua trunfância, a Cumplice porque a sua trunfância, a sua ferocidade se tem voltado apenas contra os pequenos, contra as vítimas, e nunca contra os criminosos. Os esforços?

### DUAS FORÇAS EM PRESENÇA

## SERÁ DISSOLVIDA A C. G. T.?

### A opposição dos elementos avançados

Um processo contra o comité confederal—Pedindo a dissolução da C. G. T.

PARIS, 11.—Em resultado da conferência entre o ministro da justiça e o procurador geral foi decidido que se abrisse um inquérito judicial precedido de inculpação correcçãoal, contra Joubaux, Dumoulin, Laurent, Lapiere e Calveirach, membros do comité confederal da Confederação Geral do Trabalho. Sendo incriminados por

Millerand declara não querer dar um golpe fundo nos sindicatos

PARIS, 11.—O sr. Millerand, ao fim do conselho de ministros, explicando o alcance das medidas tomadas contra a Confederação Geral do Trabalho, disse que esta pode e deve prestar grandes serviços, com a condição de ficar na defesa dos interesses corporativos. Os ferroviários decidiram a greve política e não profissional e a C. G. T. apoiou o seu movimento, decidindo a greve dos mineiros, dos dockers e dos inscritos marítimos, etc. A C. G. T. fizera pa-

rtido Socialista também protesta contra a dissolução da C. G. T.

PARIS, 12.—A *Humanité* publica quatro artigos, entre eles um de Joubaux, secretário da C. G. T., juntando os seus protestos aos do manifesto da mesma confederação e aos do Partido

A situação é estacionária, segundo a Havas

PARIS, 11.—A situação é estacionária. O número de entradas aumentou nas diferentes redes. Os transportes parisienses funcionam normalmente, graças

Os barqueiros aderem à greve

PARIS, 12.—A situação continua a melhorar em todas as linhas ferroviárias. Os serviços da electricidade e dos transportes em comum em Paris continuam assegurados, graças ao concurso

dos do governo... Teem dado em resultado, como disse o dr. Hermano de Medeiros, que o pão seja o pior possível.

«Tudo se vende, tudo! Analistas, fiscais, tudo se vende!»

O presidente do ministério procura justificar, em presença do ataque, a acção do governo. E faz, em resposta ao interpelante, as seguintes pasmosas declarações:

«V. ex.ª ignora muita coisa que se passa na sociedade portuguesa. Tudo se vende, tudo! Analistas, fiscais, tudo se vende! Uma vergonha! Uma sociedade que chegou à depravação a que chegou a sociedade portuguesa não pode viver! O subórdo dá-se por toda a parte! Mas não mais posso dizer. De maneira mais sabia responderá o sr. ministro da agricultura. Por minha parte, pedir-lhe-hei, porém, que empregue maior violência do que tem empregado até hoje.»

«E porque não mete o governo os vendidos na cadeia—pregunta o dr. Hermano de Medeiros.

Não mete talvez porque os lobos não se comem uns aos outros. E' o governo quem manda, é o governo que tem blasonado de omnipotente, impando tesura e decisão. No fim de contas o governo confessa-se impotente perante a depravação dos seus agentes, todos eles corroidos de cubica, prontos a negociar com a moagem a sua indulgência.

Trigo arido, com seis meses de embarcado, dado como bom para o consumo

O presidente do ministério completa ainda as suas declarações com estas duas edificantes:

«Sei que chegou a Lisboa certa quantidade de trigo já um pouco arido, mas, como não havia, teve que se fazer uma escolha para se aproveitar algum, sendo os analistas de parecer que podia ser consumido. Imaginem v. ex.ª que esse trigo esteve seis meses carregado em barcos de vela! Isto é que é falar com illdade.»

Com illdade e com inteira compreensão das responsabilidades do lugar ocupado, não haja dúvida. E assim estamos nos entregues à incompetência dum governo que se limita a constatar o mal, a apresentá-lo, sem reparar talvez que esse mal é da sua responsabilidade exclusiva. Entrementes a população de Lisboa vai definhando sob a influência do pão repugnante, que é coagida a ingerir. Temos que fazer nossas as palavras alarmantes do dr. Hermano de Medeiros e gritar com ele:

«As pessoas que superintendem no fabrico do pão estão vendidas. E assim se envenena a população da capital com mixórdia. Mas por que é que só em Lisboa se come pão horrível, quando por todo o resto do país se come pão delicioso?»

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Os tóseforos

Uma comissão de republicanos vai dirigir uma representação ao parlamento pedindo que seja dado cumprimento ao estipulado no contrato com a Companhia dos Fósforos, no que diz respeito aos tipos e antigos preços ou então que se permita o livre uso de acendalhas.

Teem já tempo para se ocupar de tais ninharias os ilustres parlamentares! Muito ingenua é a tal comissão de republicanos!...

Azeite Se um indivíduo chega a casa bem disposto e pede à companhia para lhe arranjar umas postas de peixe frito e uma bela salada de alface, responde-lhe ela, indignada:

«Estás doido, homem! E' o azeite? Coça o homem na cabeça, procura em vão um cigarro para lhe excitar a memória e por fim pede, para desfastio, umas cozinhas para o almoço.»

«E o azeite p'ra temperar?—objecta-lhe a companhia.

Atrapalha-se o marido e pede umas batatas cozidas... por desfastio ainda.

«Não há azeite!—torna a companhia, já colérica. Por mais que a gente se comprima nas bichas não há meio de obter uma gota.

A tática Os operários italianos caem minham a passos gigantes para a revolução. E' sabido que organizaram dentro das fábricas conselhos técnicos para regular a produção em harmonia com as necessidades do povo e escolhem os seus técnicos para superintenderem no serviço das oficinas. Os camponeses, por sua vez, apossam-se das terras conforme podem e trabalham-nas em comum.

Operário: apossa-te da fábrica! Camponês: apossa-te da terra e trabalha-a em comum!

Eis o princípio da revolução comunista em toda a sua simplicidade e beleza.

Uma ideia... O órgão socialistas certamente não hesita em ter uma ideia luminosa, transcreve no seu último número a nota que, sob o título *Reformismo*, publicamos ontem, acrescentando que ela merece a mais ampla publicidade.

Não lhe agradecemos o reclame, o que seguramente desconcertará o nosso interessante confrade, que continuará a ter-nos na conta de ingratos, agora com justo motivo.

## A Arte no estrangeiro

### Uma exposição espanhola na Bélgica

BRUXELAS, 8.—Nos círculos hispano-belgas está-se organizando um Outubro próximo uma exposição de obras de arte espanhola.

Em Barcelona

BARCELONA, 8.—Na assembleia de artistas realizada no Palácio de Belas Artes, para eleger os que hão de expor as suas obras na sala de honra e nas salas especiais, elegeram-se para a primeira Joaquim Mir e para as especiais Xavier Nogué e Paulo Gargallo, escultor este último.

## A Itália em foco

### Um cheque no governo

ROMA, 12.—A câmara aprovou por 193 votos contra 112 a moção dos socialistas, que o sr. Nitti pedira para ser retirada pondo sobre o caso a questão de confiança. O partido popular (católico) votou com os socialistas. —H.

Nitti pede a demissão

ROMA, 12.—Em consequência da votação da câmara o governo pedirá amanhã a demissão. —H.

A casa de Lanza...

ROMA, 12.—A moção socialista que o sr. Nitti não quis aceitar versava sobre a agitação do pessoal dos correios e telégrafos. —H.

## Os assambarcadores

### Julgamentos no governo civil

No tribunal dos assambarcadores responderam ontem João Maria Pimentel Almeida, da rua de Belém, 15, por vender manteiga falsificada, sendo absolvido; António Nunes das Neves, com letaria na rua do Conde Redondo, 57, por vender leite impróprio para consumo, sendo condenado na multa de 1.000 escudos, que pagou; Manuel Fernandes Rosa, com letaria na rua Maria Andrade, 24, por vender leite adulterado, sendo condenado na multa de 1.000 escudos que pagou.

## Câmara Municipal de Lisboa

### Não reuniu ontem por falta de número

Não tendo podido haver sessão pública por falta de número legal, os vereadores presentes tiveram uma reunião de carácter particular em que apreciaram vários assuntos dos mencionados no respectivo edital convocatório das presentes sessões extraordinárias.

Como à hora marcada para a realização da sessão estivesse grande número de pessoas, que ali se conservaram durante duas horas, apareceu então uma força da guarda republicana, que pôs em debandada o público, o qual ficou com a impressão, pela maneira estúpida como foi tratado, que se pretendia discutir o contrato dos electricos à porta fechada, o que seria sintomático.

## POBRE BIBLIOTÉCA!

## A bicharia devorará tudo

De palavras se não passa...

As semanas decorrem lentamente umas sobre as outras e os insectos, sossegados, livremente, sem que lhes seja aplicado o sistema da «ordem», vão jantando, com o seu ripanço, belas obras literárias, documentos históricos, catálogos de sciência, verdadeiros pedaços do pensamento humano.

Há algumas semanas que todo o mundo sabe estar a Biblioteca Nacional em via de perder-se. Não o ignoram ministros e deputados; literatos e jornalistas, artistas e homens de sciência. Também todo o mundo tem escrito coisas nos jornais, tem barafustado, teem-se feito frases elegantes e tiradas violentas acerca do assunto e, no fim de contas, que se fez de pratico para evitar um mal quasi irremediável, e que se agravava em cada hora que passa? Arranjou-se uma lista de amigos da Biblioteca e um ministro pariu uma lei defeituosa. Com essa lei se pretende solucionar a questão da única maneira que os ministros e os governos sabem solucionar—criando mais um imposto. E como se pretende salvar o nosso tesouro bibliográfico, para que o povo não fique mais privado ainda da única instrução que pode alcançar, o imposto vai dificultar essa instrução. O decantado imposto, aventado pelo ministro da instrução, irá incidir sobre toda a casta de livros que apareçam no mercado, de maneira que se o trabalhador já se priva, às vezes, de comer num dia para adquirir uma brochura pelo alto preço que já tem, amanhã ver-se-á obrigado a privar-se da comida durante dois dias, se quiser possuir um livrito, por mais reles que ele seja.

Será, portanto, o povo que pagará as

semanas de alguns funcionários e a incúria dos governos. E' a história de sempre: eles estragam, nós reconstruímos com o nosso trabalho, com o nosso dinheiro e à custa da nossa fome.

Os livreiros e editores ensurram-se contra o decreto declarando que tal medida seria a ruína da livraria nacional. E, no entanto, toda a gente sabe que estes últimos estão ganhando quantias fabulosas, aumentando escandalosamente os livros franceses e as edições portuguesas. Eles melhor do que o povo podiam desviar uma parte dos seus lucros a favor da Biblioteca, mas não o querem fazer, alegando—e neste ponto teem razão—não terem culpa de que o Estado e os seus funcionários deixassem ir o nosso património bibliográfico por água abaixo. Propõem então um imposto geral, sobre todas as classes sociais, esquecendo-se que as outras classes também não são culpadas do desleixo alheio.

O responsável no fim de contas é o Estado, porque não soube fiscalizar tanto importante questão. Ele é que devia pagar o prejuízo.

Não tem dinheiro para pagar? Arranje-o. Mas não arrancando-o ao povo, eterno pagador, porque directa ou indirectamente é o povo que paga, sempre porque é ele quem tudo produz. Reduza o Estado as suas despesas e tem muito onde ir buscar dinheiro.

Acabe com a guarda republicana, que apenas serve para destruir e matar, e aí tem para cima de 17.000 contos. 17.000 contos!

Que bela quantia para formar uma Biblioteca modelo com que manteria melhor a ordem, porquanto levaria a luz aos espiritos incultos, dos governamentais, inclusive!

Os sovietes e a Polónia

Os exércitos bolchevistas preparam-se para lançar-se contra os polacos

No momento em que a nossa imprensa burguesa está dando notícias alarmantes sobre a situação militar na Rússia Vermelha, achamos conveniente transcrever o telegrama que segue, publicado em *El Sol*, de segunda-feira passada:

«Paris, 8.—Segundo *Le Matin*, as estações rádio-telegráficas de Moscou anunciam em termos veementes que toda a Rússia se levanta para combater a Polónia. A maioria da guarnição de Moscou, que compreende 120.000 homens, saiu da capital dos sovietes na direcção da frente do Dniester.

Os camaradas Lénine, Troitsky, Lino-vieff e Komeneff, usaram da palavra numa reunião do Comité Operário para insultar o ardor dos soldados vermelhos. Os seus discursos podem resumir-se na seguinte frase, pronunciada por Lénine na sua alocução: «Nós não queremos combater a Polónia, vamos livrá-la dos seus opressores. Abaixo os senhores feudais! Viva a República polaca dos operários e camponeses!»

Segundo o mesmo radiograma, o general Brussiloff, de quem se tem dito ter-se passado dos sovietes, foi nomeado presidente do Conselho Supremo de Guerra do Exército bolchevista. —Rádio.

## As perseguições em Beja

Já ontem nos referimos às perseguições movidas em Beja à organização operária e à Juventude Sindicalista. Perseguições essas que mais uma vez veem revelar a forma inquisitorial como o governo pretende resolver assuntos para os quais devia demonstrar aquela serenidade de que se diz possuidor.

Os actos de força, despoiticamente empregados, são o seu elemento, e assim se explica a fórmula apregoada quando tomou conta do poder. Outra coisa não o incomoda que não seja a organização operária, e assim, vendo nela a sombra negra que o arrelia, persegue-a por todos os processos, na illusória esperança de que a derubará, como se outros de diferente tempera não o tivessem tentado com resultados contraproducentes.

A história repete-se constantemente e só os cegos de espirito é que não veem.

A confirmar as referências que fizemos, recebemos uma comunicação da Federação dos Trabalhadores Rurais, em que nos participa que as perseguições continuam, tendo um grupo de policias e guardas republicanos procurado vários trabalhadores rurais para os prender, assim como teem sido passadas buscas às casas de diferentes camaradas, levando todos os papeis que encontram, contando-se entre elas a do camarada António Gonçalves Correa. Também teem perseguido e prendido quantos jovens sindicalistas apparecem, fazendo buscas pelas hortas e campos em procura de camaradas rurais. Para esse efeito, encontram-se em Beja policias da segurança do Estado.

Quere dizer: em Beja predomina o terror e as arbitrariedades prosseguiam até que os senhores que dirigem isto se convençam de que seguem caminho errado.

## Automóveis do Estado

Foi determinado que quando os serviços automóveis dependentes do ministério do comércio necessitem de pessoal operário este seja requisitado à direcção geral de obras publicas, afim de descongestionar as obras do Estado do pessoal que ali trabalha.

## O conflito gráfico dos quadros dos jornais

As empresas jornalísticas recorrem já aos funcionários do governo civil e assalariados dum estabelecimento do Estado

A Comissão Executiva Pró-aumento de Salário dos quadros dos jornais tomou conhecimento de que as empresas jornalísticas estão recorrendo a todos os meios. Além dos militares-tipógrafos para manufaturarem os jornais, estão detendo mão de todos os indivíduos que já não exerciam a profissão de tipógrafos.

Ontem foi mandado apresentar, ao que nos consta, na *Capital*, um funcionário do governo civil.

Também esta comissão foi informada de que dois chefes de secção da Imprensa Nacional estão prestando serviços na *Capital*, a título de *limpeza e arranjo* das máquinas «linotype».

São dois empregados do Estado que indevidamente são dali afastados e que dão mostras da sua consciência ao mesmo tempo que servem alguém que está empenhado em lançar mão de todos os expedientes, ainda os mais indignos, desde que eles satisficam de algum modo os seus neurasténicos.

Limitamo-nos, por agora, simplesmente a registar tal facto, que é muito sintomático.

A falta de justiça que assiste às empresas jornalísticas levam-nas a usar dos processos mais baixos com o fim de esmagar os gráficos dos quadros dos jornais.

A Comissão Executiva está procedendo à distribuição dum manifesto por todas as oficinas gráficas.

Também brevemente será distribuído um manifesto ao público, pondo-o ao corrente do movimento.

Hoje às 21 horas, reúne a sub-comissão para andamento dos trabalhos pendentes.

## Perseguições governamentais

### Comissão pró-pressos por questões sociais

Reuniu esta comissão que registou com satisfação ter sido restituído a liberdade o camarada metalúrgico, Francisco Joaquim Vieira, que foi preso no sábado passado, depois de ser agredido pelo patrão. Conduzido para o governo civil, dois dias depois foi enviado para juízo, sendo-lhe arbitrada a fiança de 500\$00, seguindo para o Limoeiro, e posto em liberdade ontem pelas 16 horas, encontrando-se ainda num estado pouco satisfatório derivado aos ferimentos que recebeu do dito industrial, o que esta comissão regista com indignação.

Esta comissão recebeu a quantia de 15\$55 da quete tirada na sessão magna dos camaradas manipuladores de pão que se realizou no dia 2 do corrente.

Mais recebeu do camarada João Rendo Dinis, a quantia de 3\$00, enviada de seu irmão que se encontra em Marrocos.

## Pão deteriorado

Na padaria da rua da Senhora do Monte foi vendido a Manuel Marques um pão, que este nos veio mostrar, completamente deteriorado. Cheirava mal e tinha dentro estranhas matérias que causariam repugnância ao mais forte estômago.

E' uma a juntar às muitas reclamações que dia a dia o povo vai formulando.

E isto será até um dia...



